



METROPOLE

SSA-BA

WWW > JORNALDAMETROPOLE > COM > BR

ESQUECIDOS NUMA SALA DE REBOCO

24 JUN 2021

Maior parte das festas juninas virtuais excluem sanfoneiros, que se queixam da perda de receita e do abandono de músicas e costumes tão tradicionais do período. Págs 4 e 5





Neguinho do Samba e o Samba Reggae de São João

James Martins



Pouca gente sabe, mas antes mesmo de existir o Olodum, havia um grupo de samba duro junino, também no Pelourinho, chamado Samba Reggae. Como às vezes a mera informação gera as polêmicas mais descabidas no coração da Bahia, já quero prevenir que estou citando o sambão e sua icônica alcunha apenas para destacar a importância do São João (de todo o ciclo junino) para o Carnaval de Salvador. Até porque, se não tocava samba-reggae, ritmo que ainda não existia, o grupo Samba Reggae também foi criado (junto com Albino Apolinário) pelo seu deflagrador: Antônio Luís Alves de Souza, que justamente naquela empreitada (batizado pelo próprio Albino) ganhou o nome artístico com que se tornou mundialmente conhecido: Neguinho do Samba.

E na verdade o que me trouxe ao tema deste artigo foi o aniversário de 66 anos que Neguinho teria feito nesta terça-feira (21), entre Santo Antônio e São João, se não tivesse morrido em 2009. Mas, como gente grande não morre, voltemos ao assunto. A nutrição que o período junino legou ao nosso carnaval ainda está para ser aprofundada. E não apenas pela via do sambão, mas também dos galopes, xotes e forrós, bastando lembrar, por exemplo, o repertório do Chiclete com Banana. É uma longa relação amorosa, cheia de belos rebentos, coroada com aquelas imagens magníficas

do rei Luiz Gonzaga, criador do trio nordestino, tocando em cima do trio elétrico, em 1986.

Vale citar que uma das primeiras composições gravadas de Luiz Caldas, no disco “Jubileu de Prata” do Trio Tapajós, em 81, é “Axé pra Lua”, obviamente dedicada ao rei do baião. De Luiz a Luiz: “Forroxé e xotexé feliz!” E em 85, Gonzaga em pessoa gravou sua participação especial no álbum de outro trio, o “Chame Gente” de Armandinho, Dodô & Osmar, na faixa “Instrumento Bom”. Aqui, a família criadora da guitarra-baiana presta seu tributo ao “acordeom, sanfona ou concertina” — ou seja, à guitarra do São João. E se estou engrossando o caldo de meu argumento com exemplos, talvez surpreenda a muitos dizer que a música “A Roda”, que estourou Sarajane no nascedouro do Axé Music, também nasceu samba-duro junino.

Mas eu falo, falo e não chego ao X da questão. É o seguinte: sendo o São João uma das bases do nosso carnaval, e tendo ele se desvirtuado de suas características comunitárias para reduzir-se ao mero espetáculo, deve-se levar isso em conta nas discussões sobre os meandros do ciclo momesco que tanto nos queimam neurônios. Ou seja, aquele clima caseiro que havia no erguer das fogueiras e receber os vizinhos, cozinhar amendoim e organizar o sambão, tudo isso influía para

que ninguém se perdesse em fevereiro. Para que o carnaval, sendo o evento gigantesco que sempre foi, guardasse em si aquela intimidade de vizinhança, um certo “quê” de verdade sem o qual nada é realmente legal.

E se a gente quer (e queremos) que as músicas de carnaval voltem a gerar cultura em vez de só like e espuma, creio que devemos atentar melhor ao som do São João, ajudar a cultivar o sambão, que ali está um manancial. Do Samba Reggae ao samba-reggae, de Luiz a Luiz, vamos abrir a roda, mas sem afrouxar o eixo nem perder o nexos familiar. De casa em casa pra incendiar a praça. Isso é São João! Viva!

divulgação



Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor **André Uzêda**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**

Editor de Arte **Paulo Braga**
Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **André Uzêda, Alexandre Santos, Gabriel Amorim, Geovana Oliveira, Kamille Martinho, Juliana Rodrigues, Luciana Freire e Rodrigo Meneses**

Revisão **André Uzêda e Ian Alves**
Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226Pernambúes CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

Evite aglom_

VOCÊ JÁ
SABE O QUE
FAZER.
FAÇA.

A vacinação contra a Covid avança, mas não é hora de baixar a guarda. Mais do que nunca, tome todos os cuidados. Não aglomere e use sempre a máscara. Não dê mole nessa pandemia.



SALVADOR
PREFEITURA



Sanfoneiros reclamam que 'forró virtual' ampliou exclusão a elementos tradicionais dos festejos juninos

Texto **Geovana Oliveira**

geovana.oliveira@radiometropole.com.br

Jenivaldo Guedes dos Reis, 73 anos, é sanfoneiro desde os 16. Há dois, desde o início da pandemia, se concentra apenas no trabalho como funcionário público, na cidade de Barreiras, onde vive. "Já faz um tempo que eu nem pego no instrumento. Estou com o dedo duro", conta, entristecido.

Ano passado, ele até se apresentou em uma live na banda de apoio, mas neste ano não surgiram convites. "O negócio está bem pior para quem vive só da música mesmo", diz.

O forrozeiro Virgílio é exatamente um destes casos. Autor de sucessos como 'Dez Litros de Licor', 'Quando Você Chegou' e 'Surra de Cacete', o cantor hoje coleciona prejuízos. "Não tem animação nenhuma. Ou você está no meio participando, dançando com seu licor na mão, comendo seu bolo, ou você não está", desabafa. "Nós esperávamos que esse ano não tivesse mais esse vírus matando, a gente vive da música, não temos dinheiro".

A alternativa para os músicos, durante esse período de isolamento, tem sido as transmissões ao vivo, as famosas lives, feitas nas redes sociais. Os forrozeiros, no entanto, dizem que não é possível lucrar com essas transmissões. Segundo o cantor Adelmário Coelho, "a live não é uma realidade para os forrozeiros".

"Imagine aí, eu fazia 30 shows no mês de junho e, agora, zero. O patrocínio evidentemente não vem para quem não é conhecido", afirma. O cantor diz ainda que, mesmo com o patrocínio, os custos para realizar a live são muito altos por incluir estúdio, equipamentos de gravação e cachê da banda.

"Fazer uma live ficou muito complexo. A não ser que você faça só com o celular, mas



Forrozeiro Targino Gondim se queixa da perda de receita e critica poder público por não ouvir o apelo dos sanfoneiros da região Nordeste

Edital destina mais de R\$ 800 mil aos forrozeiros

também a gente não quer fazer de qualquer jeito”, explica.

Targino Gondim, músico, cantor e compositor premiado, conseguiu se apresentar em mais lives neste ano. Entre 14 e 30 de junho, serão seis shows, incluindo uma live para a prefeitura de Itarantim, no interior da Bahia. Ano passado, no entanto, ele conseguiu um número maior, principalmente a partir de patrocínios.

“É o segundo ano que nossa receita está sendo comprometida.”, afirma. “Nossa classe artística e de entretenimento precisa de respeito. Quando acontece algo assim, não tem ninguém para ajudar a gente. Ninguém chama pra conversar. São só proibições”, protesta.

Virgílio conseguiu auxílio para uma live — que deve acontecer até julho — pela Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc, através da Secretaria de Cultura da Bahia. A Secult abriu um edital específico para contemplar os forrozeiros, quadrilhas e demais trabalhadores do São João.

O Prêmio de Preservação dos Bens Culturais e Identitários da Bahia - Emília Biancardi apoiou 63 projetos, destinando um valor total de R\$ 852 mil reais, para os artistas diretamente ligados aos festejos juninos.

Além disso, desde o dia 13 até 30 de junho, o Festival de Economia Solidária São João da Minha Terra, evento virtual promovido pelo Governo do Estado, e realizado organizado pela Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (Setre) terá a participação de forrozei-

ros como Del Feliz, Zelito Miranda, Quadrilha do Iguape e Amadeu Alves.

As prefeituras dos principais destinos turísticos juninos da Bahia, no entanto, dividem opiniões sobre a realização de quaisquer eventos durante o período do feriado. No sul do estado, por exemplo, a prefeitura de Ibicuí, cidade que costuma atrair muitos jovens, não pretende realizar nem uma live para não gerar “expectativas e vontade nas pessoas de se aglomerarem”.

A prefeitura de Senhor do Bonfim, outro destino muito procurado, vai seguir na mesma linha, por não ter condições de pagar auxílios. “Por conta dos auxílios disponibilizados aos músicos, artistas plásticos, donos de bares, e de tudo que está ligado ao São João, não acho viável a realização de uma live”, afirmam.



tacio moreira/metropress

Iniciativas tentam tornar forró patrimônio imaterial

Texto **Luciana Freire**
luciana.santana@metro1.com.br

Mesmo com a pandemia, o forró teve algumas conquistas recentes. No Nordeste, por exemplo, a Assembleia Legislativa de Pernambuco aprovou, por unanimidade, projeto que indica o forró para obtenção do registro de Patrimônio Cultural Imaterial do Estado.

Um projeto com o mesmo pedido está em tramitação para a capital, Recife. Já no Rio Grande do Norte, há três semanas, a governadora sancionou lei que cria o Dia Estadual do Forró em 13 de novembro. Sendo que, vale lembrar, 13 de dezembro é o dia Nacional do Forró, em homenagem ao nascimento do Rei do

Baião, Luiz Gonzaga.

Na Bahia, o deputado Hilton Coelho (Psol) apresentou, na Assembleia Legislativa, um projeto de lei para reconhecer o Forró como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado.

No Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o processo teve início em 2011, quando a Associação Cultural Balaio Nordeste fez o pedido de registro. Desde o ano passado, a pandemia atrasou uma etapa fundamental, que é a pesquisa de campo, procedimento técnico para a elaboração do Dossiê das Matrizes Tradicionais do Forró.

Além do gênero musical, o pedido ao Iphan inclui a festa de São João, os adereços e os estilos tocados e dançados em cada região.



Olha a chuva... É mentira!

Índice pluviométrico em Salvador é o menor nos últimos três anos. Mês de maio registou a menor quantidade de chuva em quase três décadas

Texto **Juliana Rodrigues**
juliana.rodrigues@metro1.com.br

Quem esperou pelas águas de março e pelas chuvas do outono em Salvador se decepcionou este ano. Dados do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) apontam que, entre janeiro e maio de 2021, a capital baiana registou um acumulado de chuva de 709,6mm, quase metade do mesmo período do ano passado, quando foram registrados 1.379,8mm.

É o menor índice de chuvas desde 2018. O mês de março, tradicionalmente mais chuvoso, também teve precipitação bem abaixo da média dos últimos cinco anos: a estação do Inmet registou apenas 62,8mm de chuva em um período do ano que costuma ter volumes acima dos 100mm.

A meteorologista do Inmet, Cláudia Valéria, explica que a falta de chuvas se deve a uma interação entre sistemas me-

teorológicos. “Apenas no mês de janeiro nós tivemos chuvas acima da média. Realmente neste ano tem chovido menos em Salvador e em grande parte do Nordeste. Temos tido muitos sistemas de bloqueio na região Sudeste do Brasil, que têm impedido o avanço das frentes frias, sistemas que provocam chuvas. Acaba que grande parte do Nordeste tem chuvas abaixo da média”, afirma.

Com o início do inverno, na última segunda, a tendência é que chova ainda menos na capital baiana. “Já estamos acumulando uma certa quantidade de chuva, mas ainda pequena em comparação à média. Na capital choveu até o momento 37% do que normalmente costuma chover em junho. Provavelmente teremos mais um mês com chuvas abaixo da média”, avalia.

O diretor da Defesa Civil de Salvador (Codesal), Sosthenes Macedo, também avalia que a tendência é de uma perda de

intensidade nos próximos meses, já que o outono costuma ser mais chuvoso que o inverno em Salvador. De acordo com ele, a baixa nas chuvas em 2021 já era prevista pelo órgão. “Havia uma previsão de meteorologistas nacionais que apontava que teríamos um trimestre com 40% a menos de chuva que a média histórica. Mas em abril deste ano tivemos muita chuva, diferentemente do que imaginávamos. Em maio, entretanto, tivemos pouquíssima chuva. Foi um terço do que era previsto, o menor índice dos últimos 29 anos. Isso veio a dar uma tranquilidade para as pessoas que moram em áreas de encostas”, pontua.

Entre 1º de março e 22 de junho, a Codesal recebeu 4.654 solicitações de vistorias em imóveis, devido a ocorrências ligadas à chuva. Desse total, 2.078 foram registradas em abril, o que corresponde a 44,6% do total. Em 2020, foram 10.055 vistorias nos três meses completos.

Risco de não ter água potável

A professora, pesquisadora e conselheira do Grupo Ambientalista da Bahia (Gambá), Maria Lúcia de Carvalho, explica que as flutuações nos níveis de chuva entre um ano e outro podem ser naturais ou associadas à ação humana. “A pluviosidade média de Salvador, de mais ou menos 1800mm, tem flutuações normais. Há anos de alta pluviosidade, chamados ‘anos chuvosos’, ‘anos normais’, e ‘anos secos’, diz. Ainda segundo ela, as chamadas “mudanças climáticas” tendem a afetar o regime de chuvas, mas não é possível dizer que

esta é a causa da escassez em Salvador.

Maria Lúcia diz que a falta de chuvas na capital não é capaz de causar desabastecimento nos reservatórios, já que eles são alimentados principalmente pela barragem de Pedra do Cavalo, localizada no Recôncavo baiano. “O rio que alimenta a barragem de Pedra do Cavalo é o Rio Paraguaçu”, explica Maria Lúcia, sem deixar de fazer um alerta: “Se o semiárido secar, isso vai afetar demais a disponibilidade de água em Salvador. Nossas fontes de água potável foram aterradas e destruídas. É uma temeridade”.

Chuva nos últimos anos

| | MM |
|---------------------|---------|
| 2021 Janeiro a Maio | 709,6 |
| 2020 Janeiro a Maio | 1.379,8 |
| 2019 Janeiro a Maio | 780,6 |
| 2018 Janeiro a Maio | 664,4 |



Uma no Cravo, outra na ferradura

Cobrança por direitos autorais emperra reconstrução do monumento da Rampa do Mercado, cartão-postal da cidade idealizado por Mário Cravo Jr.

Texto **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Há quase dois anos, um dos cartões-postais de Salvador foi devastado. O tripé turístico formado pelo Elevador Lacerda, o Mercado Modelo e o Monumento da Rampa do Mercado ficou manco, após a obra de Mário Cravo Jr. desaparecer em poucos minutos.

A escultura foi engolida por chamas fervorosas que desapareceram na mesma velocidade com a qual surgiram, sem deixar rastros de sua origem. Há quase dois anos a reconstrução da estrutura tem sido debatida, mas não ganha forças para renascer das cinzas.

A previsão de reconstrução era junho deste ano, mas já virou passado. Agora o atraso gira em torno de uma única questão: os direitos autorais exigidos por um dos filhos do artista baiano, Ivan Cravo.

A advogada Cristina Almeida, representante de Ivan, explica que, ao reconstruir a obra, os direitos autorais devem ser dados aos herdeiros do artista. A resposta da instituição, entretanto, vai de encontro a esta posição. "A Procuradoria Geral do Município emitiu parecer declarando não haver direito autoral neste caso", afirma a

diretora de Patrimônio e Humanidades da Fundação Gregório de Matos (FGM), Milena Tavares.

PEDIDO DE R\$ 1 MILHÃO

Em janeiro deste ano, Ivan Cravo protocolou uma proposta de R\$ 1 milhão de direitos autorais na FGM. "A fundação não aceitou e não apresentou nenhuma proposta", afirma a esposa de Ivan, Maria Lúcia

Ferraz Cravo. "O instituto nos informou que não teríamos direito porque a obra é de domínio público, mas, de acordo com o art.41 da Lei

n.9610/98, os direitos perduram por 70 anos a partir do falecimento do artista. Ou seja, ainda faltam 68 anos para isso acontecer", completa.

O próprio Ivan desabafa: "Como é que não reconhecem os direitos acerca da obra do meu pai?".

Mesmo diante do impasse, a Fundação Gregório de Mattos nega que a obra da Rampa do Mercado será substituída por uma outras intervenção artística.

Questionada sobre os próximos passos, a advogada Cristina garante que a história não termina aqui. Como procuradora de Ivan, ela afirma que só tomará uma atitude judicial quando a fundação colocar em prática a reconstrução do monumento.

"O impasse não foi resolvido. O parecer da procuradoria é unilateral e, ao meu ver, está em desacordo com a lei. O espaço está vazio até hoje, se não houvesse empecilhos já teriam iniciado as obras", argumenta a advogada.

A Superintendência de Obras Públicas (Sucop) aponta uma divergência. De acordo com a assessoria, o órgão está apenas concluindo o orçamento para abrir a licitação. Sem previsão de reconstrução, o vácuo existente no Comércio segue decepcionando turistas e baianos.



divulgação

CIDADE

METROPOLE

Responsável Técnico:
Dra. Silvânia Rocha
CROBA - 14011

CURSOS DE REFERÊNCIA

para você!



INSCRIÇÕES ABERTAS

srcursos.com.br
71 9 9684 - 9438

SR
CURSOS

Curso
VIP



Os marajás do Tribunal

Funcionários alocados em gabinetes de desembargadores recebem supersalários no TJBA. Atendente de recepção tem remuneração, bruta, acima dos R\$ 40 mil

Texto **Rodrigo Meneses**
redação@metro1.com.br

Um atendente de recepção no Brasil ganha, em média, R\$ 1.240, conforme levantamento do site vagas.com.br, de intermediação para o emprego. Na Bahia, se este profissional trabalhar no Tribunal de Justiça, pode ganhar 32 vezes mais. Para ter acesso à vaga, porém, é necessário ser escolhido para desempenhar a função no gabinete de um desembargador do TJ.

É o caso do servidor Adalberto de Figueiredo, que desde 2014 ocupa o cargo de atendente de recepção no gabinete do desembargador Mário Alberto Simões Hirs. Segundo o site do TJBA, Adalberto recebeu a remuneração bruta de R\$40.196.81 referente ao trabalho no mês de maio, o último período disponível para consulta.

Após os descontos de previdência, imposto de renda e retenção do valor por

ultrapassar o teto constitucional, o servidor ganhou R\$24.221.79 líquidos. O valor é público e pode ser acessados pelo portal transparência do Tribunal de Justiça.

O teto salarial dos servidores do poder Judiciário estadual é a remuneração do desembargador, atualmente fixada em R\$35.462.22. Conforme a Constituição Federal, o limite do salário dos desembargadores é de até 90,25% da remuneração dos ministros do Supremo Tribunal Federal: R\$ 39.293.00. Apesar de Adalberto ter recebido mais de R\$ 40 mil, a média salarial dos atendentes de recepção do TJBA está em cerca de R\$ 7 mil.

ATENDENTE JUDICIÁRIO

Outra função valorizada nos gabinetes de alguns desembargadores do TJBA é a de atendente judiciário. O grau de instrução para ocupar o cargo é a for-

mação em Direito. Augusto Cesar está lotado desde 2016 no gabinete do desembargador Eserval Rocha e, em março, recebeu R\$24.169.66 líquidos pela função desempenhada.

No gabinete do desembargador Abelardo Paulo da Matta Neto, o atendente judiciário Fabricio Cardoso desempenha a função desde 2016 e em março passado recebeu R\$24.273.93 líquidos. Já no gabinete da desembargadora Lícia de Castro Laranjeira Carvalho, a atendente judiciária Lorena Ataíde recebeu R\$24.273.93 líquidos. Ela ocupa a função no gabinete desde 2004.

Fora dos gabinetes, tem servidor de nível médio ganhando próximo do teto do funcionalismo. Hudson Alves é técnico de nível médio lotado na administração do Fórum de Ilhéus desde 2016 e recebeu R\$22.970.64 líquidos, enquanto outros servidores de mesmo cargo ganham em média R\$ 8 mil.

TJ fala em vantagens antes de 2010

Procurado pelo **Jornal da Metrópole**, TJBA se manifestou por meio de nota e informou que os funcionários mais antigos fazem jus aos valores adquiridos de acordo com os símbolos e vantagens, o que não ocorre com os servidores que ingressaram após o ano de 2010.

A nota ainda explica que alguns servidores, que ingressaram em determinados cargos efetivos, ao longo da carreira passaram a ocupar outros cargos e funções comissionadas, uma vez que preencheram os requisitos necessários, a exemplo de bacharéis em Direito. “Apesar do cargo de origem, a remuneração é

acrescida com as vantagens inerentes à função gratificada ou cargo comissionado que ocuparem naquele momento”.

A nota ainda afirma que “o Poder Judiciário cumpre rigorosamente o teto constitucional e reafirma que segue as determinações do CNJ.

O Sindicato dos Servidores do Poder Judiciário do Estado da Bahia (Sinpojud) informou que os casos de altos salários “atualmente são poucos”. Ainda conforme a nota, a categoria está há mais de seis anos sem reposição salarial e inflacionária. O Sinpojud informa que existe um déficit de quase dez mil servidores.





**ENQUANTO A VACINA NÃO CHEGA AOS BRAÇOS DE TODOS,
CONTINUE ABRAÇANDO TODOS OS CUIDADOS!**

**SIGA OS PROTOCOLOS
DE PREVENÇÃO
À COVID-19**



**USE MÁSCARA
EVITE AGLOMERAÇÕES
HIGIENIZE SEMPRE AS MÃOS**

Nós somos Salvador! Em tempos difíceis, resistimos. Nascemos cidade-fortaleza. Sobre nós, sopra agora uma brisa morna e leve: a esperança. Ela vem chegando de mãos dadas com o amor, que também não larga mão da proteção. De braços dados com a fé, a força e o trabalho de cada soteropolitano. Trazendo nossa alegria, nosso ritmo, nosso sorriso, nossa vida de volta. Mas enquanto a vacinação não conseguir imunizar toda a população temos que continuar seguindo os protocolos de saúde e prevenção à Covid-19.



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SALVADOR**

O futuro da cidade passa por aqui.



É tudo meme: Lázaro, rã, drone, deputado

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

O presidente em surtos de raiva com quem não lhe aplaude. Uma epidemia global que ainda parece muito longe de permitir rotinas mais próximas daquilo que nos parecia normal em 2019. O Congresso agitadíssimo, montando balcões de vendas, lobbies e jabutis. O crescimento acelerado da pobreza, da fome, da ansiedade e de toda a sorte de distúrbios psíquicos. No meio disso tudo, uma assombração humana irrompe, disputando espaço nas primeiras páginas dos jornais brasileiros há duas semanas: Lázaro Barbosa, 32 anos, um fugitivo da polícia. Com uma ficha criminal extensa e caçado por cerca de 300 policiais numa microrregião de Goiás, Lázaro transformou-se no mais novo dos protagonistas da distopia brasileira.

Lázaro é tudo. De assassino e estuprador temido a criminoso mais procurado do país e rei dos memes, o baiano tornou-se objeto de acirradas discussões sobre racismo, xenofobia, intolerância religiosa, armamentismo, segurança pública, bioma do cerrado, guerrilha na selva, sobrevivência, tecnologia militar e rastreamento na mata. No fluxo da caçada ao fugitivo, o deputado-pastor-sargento Isidório já lacrou nas redes e em vídeos onde aparece de tronco nu, camuflado com folhagens e restos retorcidos de raízes e tocos de pau, invocando Deus, o diabo, a Bíblia e batalhões da polícia baiana para capturá-lo. Na terça-feira, os jornais anunciavam em fundo preto os novos heróis da série Lázaro: três cachorros de alta patente levados a Goiás por conta de seus currículos estrelados na função de caça a gente. Ou deveríamos escrever cachorros, já que há uma cadela na equipe?

Cristal, Dart e Hope são os novos nomes candidatos ao heroísmo nacional. A border collie, o

pastor alemão e o bloodhound, cães do Corpo de Bombeiros de Goiás, foram incorporados esta semana às equipes de quase 300 agentes que há 15 dias procuram Lázaro a pé, de carro, por rios, de helicópteros e com o uso de sensores e drones, sem nenhum sucesso. Na falta de novidades sobre a localização do procurado, cada bacia d'água encontrada revirada num quintal no entorno dos distritos por onde ele passou torna-se imediatamente notícia de jornal. A leitura das notícias sobre o assunto torna-se uma experiência literária que vai do humor ao realismo fantástico, com parágrafos que se confundem com verbetes de livros de biologia e geografia do ensino médio e dicionário com definições sobre habilidades específicas de raças de cães de caça e definição de mateiro e matas ciliares.

Há quem reclame muito do fato de Lázaro Barbosa ter se transformado em meme, em humor. Os argumentos dos sensíveis à memificação até fazem sentido. Mas só até abrimos um site noticioso que supostamente quer ser levado a sério e ler algo assim: "Imagens que mostram os restos mortais de uma rã e cascas de fruta foram divulgadas nesta terça-feira pela polícia e são vestígios do que, possivelmente, fariam parte da alimentação do assassino durante a perseguição".

Desculpe-nos a polícia e a imprensa, mas nada é mais candidato ao humor que o jornalismo descrevendo os restos mortais de uma rã desossada com cascas de frutas como parte da dieta estratégica de um homem sozinho, no mato há meio mês, com pouca munição e nenhuma comida, driblando 300 policiais armados, com sangue nos olhos e auxiliados por cachorros de faro estrelado. Quem lê numa notícia a expressão "restos mortais de uma rã" como rastro de um criminoso e pista da locali-

zação de um serial killer, automaticamente a converte em verbeta na gramática dos memes.

A DIETA DA RÃ

Os grupos dos psi, os profissionais da psicologia, da psiquiatria e todo o universo de estudiosos, pesquisadores e especialistas em distúrbios mentais, também estão insatisfeitos com a cobertura da imprensa e com as descrições da polícia e da justiça. Reclamam que estão errados os conceitos e a terminologia usados para descrever Lázaro Barbosa. Quem inventou que a ele se aplicaria o termo serial killer? Para esse tipo de dúvida, consultar também o jornalismo, cujos textos trazem como enunciado: "em alta: afinal, Lázaro Barbosa é um serial killer? Ainda é cedo afirmar que baiano se encaixa em perfil de matador em série; saiba por que e reveja casos".

Também não vem passando incólume pelo ativismo de redes e de sofás o gentílico usado para descrever o fugitivo. Quando a expressão "o serial killer do DF" aparece num texto, logo aparece alguém para corrigir. 'Do DF, não. Ele é baiano, baianíssimo'. Como nada estará bom nunca mais, outra contenda se inicia: 'por que ressaltar tanto que é baiano? Só porque é criminoso? Será que se fosse para falar de alguém famoso fariam tanta questão de reiterar isso? Não, não fariam. Adoram dizer que é baiano por preconceito, com a Bahia e com o Nordeste', et cetera, et cetera. Enquanto isso, sob os drones e os aviões, Lázaro, esse contemporâneo do vírus que já matou mais de meio milhão de brasileiros, inscreve no jornalismo e na polícia nacionais a referência aos restos mortais das rãs. Rãs degustadas reduzidas ao aroma de cascas de frutas. É tudo meme.

Bolsonaro no 2 de julho da Bahia

Após atos com ataques às políticas de isolamento, pedidos de intervenção militar e fechamento do STF, apoiadores do governo Jair Bolsonaro (sem partido) prometem fazer uma motocarreata na Bahia em pleno 2 de julho. Há a expectativa de que o próprio presidente participe do evento, ao lado do ministro João Roma (Republicanos). Ambos, no entanto, ainda não confirmaram presença. Aliado de Bolsonaro à frente da organização, o ex-vereador Cezar Leite (PRTB) diz que a trupe do verde e amarelo daqui não repetirá as parvonices protagonizadas pelo presidente nas últimas motociatas. Sem máscara, tanto em Brasília quanto em São Paulo, Bolsonaro usou capacete sem viseira e cobriu a placa da motocicleta que pilotava.



divulgação

Em defesa do negacionismo

Integrante da CPI da Covid, o senador Eduardo Girão (Podemos-CE) declarou ver cientistas “divididos” entre favoráveis e contrários ao chamado tratamento precoce propagandeado por Bolsonaro. “Nessa guerra, vacina é fundamental. O uso de máscara é fundamental, álcool em gel nas mãos, distanciamento físico e, por que não, também, com recomendação médica, tratamento precoce? Os estudos que foram mostrados salvaram muita gente no Brasil”, defendeu Girão em entrevista a **Rádio Metropole**. Faltou lembrá-lo apenas que a comunidade científica internacional não está dividida sobre o assunto. Os estudiosos já declararam que o tratamento precoce não é eficaz e que só a vacina pode proteger dos efeitos mais graves do coronavírus.



reprodução tv brasil

Nise x Otto

O senador Otto Alencar (PSD-BA) é alvo de um processo movido pela médica Nise Yamaguchi, que diz ter sido vítima de misoginia e humilhação durante depoimento à CPI da Covid. Na ação, que inclui o senador Omar Aziz (PSD-AM), ela pede indenização de R\$ 360 mil aos parlamentares. Otto, por sua vez, nega ter agido com desrespeito e afirma que sempre a tratou como “doutora, senhora e Vossa Senhoria”. Ao perguntá-la sobre a diferença entre vírus e protozoário, indagação que a deixou sem resposta, justifica que o fez com o objetivo de indicar a ineficácia do tratamento precoce defendido por Nise. Na ação, os advogados da médica alegam que Otto apelou para uma questão de ensino primário. “Os protozoários são estudados no 4º ano do estudo fundamental, fato este que por si só, demonstra a intenção de Otto Alencar em diminuir e humilhar publicamente Nise Yamaguchi”.

Quem tem celular cria Roma

Desde que rompeu com ACM Neto, de quem foi chefe de gabinete no Thomé de Souza, João Roma tem se movimentado nos bastidores como possível aposta de Bolsonaro na sucessão a Rui Costa (PT) na disputa pelo governo da Bahia. No domingo, em visita à cidade de Amargosa, o ministro da Cidadania fez uma videochamada em que recebeu um afago de Bolsonaro. Durante a transmissão, ouviu do chefe do Executivo que “é o futuro da Bahia”. Ventilado como uma opção de terceira via, não à toa, passou a ser visto como uma versão bolsonarista do ex-prefeito de Salvador. “Eu não sei se é segunda, terceira ou quarta via. O que eu vejo no quadro político do nosso estado são três candidaturas colocadas: nós de um lado, de centro social, e duas candidaturas do centro conservador”, declarou o senador Jaques Wagner, pré-candidato petista.

Lúcio, o retorno

Ofuscado nos últimos anos por escândalos de corrupção, dentre os quais o caso da bunker de R\$ 51 milhões, Lúcio Vieira Lima voltou a dar as cartas como cacique do MDB na Bahia. Além de figurar em recente encontro com a Executiva nacional do partido, o ex-deputado federal tem participado ativamente de negociações para eventuais apoios na disputa pelo governo baiano. E tem deixado claro que sua sigla integra o arco de alianças em torno do grupo do ex-prefeito ACM Neto. “O partido é aliado de Bruno Reis em Salvador. Para o governo do Estado, não temos nada certo. Já conversei com o governador Rui Costa e com o senador Wagner. No momento correto, vamos anunciar nosso apoio”, declarou o emedebista a uma rádio de Itabuna.



tacio moreira/metropress

Perguntar não ofende

A pouco mais de 1 ano o pleito de 2022, o que fará Rui Costa do seu futuro político? Terminará o governo ou sairá candidato ao Senado, como aliados têm cogitado?

Lázaro ressuscita fascínio por criminosos

Estudiosos da criminologia explicam feitiço humano em acompanhar casos brutais e violentos

Texto Gabriel Amorim

gabriel.amorim@radiometropole.com.br

Uma caçada que opõe uma força-tarefa policial a um bandido perigoso. O que pode parecer roteiro de filme já se estende, na vida real, por mais de 15 dias. A polícia de Goiás não tem conseguido capturar Lázaro Barbosa Souza, suspeito de matar quatro pessoas da mesma família em Ceilândia, no Distrito Federal. Desde o crime, o fugitivo, nascido em Barra do Mendes, no interior da Bahia, se esconde e o 'pega-pega' com a polícia é acompanhado diariamente por uma audiência atenta e por toda imprensa nacional.

O **Jornal da Metropole** conversou com especialistas para entender o que poderia justificar tanto interesse pelo bandido. Para quem trabalha na área, não há novidade no fenômeno. "Os crimes sempre fascinaram a humanidade. As execuções em Roma, por exemplo, eram feitas em arenas. Era um evento público", lembra o professor de direito penal e advogado Daniel Keller. "Isso acontece por dois motivos, primeiro porque somos todos potenciais

vítimas de um crime e também somos todos potenciais criminosos", diz o professor. "Uma outra justificativa possível é esse movimento de colocar o mal na outra pessoa. De acreditar que o mal está longe, afastado de nós, que está no outro", completa a psiquiatra forense e professora da FTC, Denise Stefan. A profissional ainda acredita que o afastamento pode contribuir para aumentar o interesse. "Os mais jovens acompanham como quem acompanha uma série mesmo, por não estarem sofrendo uma ameaça direta", explica.

Para a psiquiatra, no entanto, é preciso cuidado. "Não podemos permitir que todo esse acompanhamento do caso acabe fazendo um movimento oposto. Ao invés de desnaturalizar a violência, acaba-se naturalizando. Como nem a ciência tem resposta sobre o que leva uma pessoa a se tornar um criminoso perigoso dessa forma, isso é algo que gera curiosidade. Mas ele não pode ser visto como modelo. É perigoso que tenha gen-

Lázaro Barbosa é acusado de matar uma família (pai, mãe e dois filhos) em Goiás. O crime aconteceu no dia 9 de junho e, desde então, a polícia não conseguiu prendê-lo

te achando interessante ele conseguir fugir como ele foge", avalia a professora. Outro aspecto que chama atenção dos profissionais diz respeito aos desejos sobre o que vai acontecer quando Lázaro for finalmente capturado. "Quando um caso desses ganha essa repercussão, as pessoas estão preocupadas apenas com a punição. Como se a função da lei penal fosse apenas punir, fazer justiça. É também, mas, principalmente, garantir direitos", diz Keller.

Para o professor, o direito penal existe também para impor limites. "Se não existisse a lei penal, quem cometesse um crime seria linchado simplesmente. A lei existe para evitar um abuso do poder de punir, de garantir que ele receba o mesmo tratamento de qualquer pessoa que venha a cometer um crime, não importa o quão grave seja o que ele fez", completa.

Bala de ouro, Chacina da Graça e 'galã de Feira' marcam crimes na Bahia

Texto **André Uzêda**

andre.uzeda@radiometropole.com.br

A imagem de um estado cordial e festivo não se sustenta em pé quando se esmiuça o retrospecto de crimes brutais e escandalosos na Bahia.

A quantidade espanta tanto quanto a cruzeza e a longevidade destas práticas. Em 20 de abril de 1847, a filha de um rico comerciante, chamada Júlia Fetal, foi assassinada pelo seu noivo, o respeitado professor João Estanislau da Silva Lisboa. O caso ficou conhecido como “o crime da bala de ouro”. Mordido de ciúmes, João Estanislau teria derretido a aliança de noivado do casal, transformado em um projétil e disparado contra Júlia Fetal, no peito.

A comoção foi tamanha que o corpo da jovem foi enterrado dentro da Igreja da Graça, ao lado de Catharina Paraguaçu. A história virou livro nas penas de Jorge Amado e Pedro Calmon. O caso também inspirou a novela Espelho da Vida, em 2019, da TV Globo.

Outro crime marcante em Salvador aconteceu em 2 de março de 1970. Na rua da Flórida, número 5, o jovem Marcelino Souto Maia, então com 20 anos, assassinou com uma escopeta a mãe, o pai, a avó e o irmão. O caso ficou conhecido como “A Chacina da Graça”, por ter o nobre bairro como cenário da execução. A família, de migrantes portuguesas, era rica e tinha uma famosa loja de tecido na Cidade Baixa.

Em 1995, assim como Lázaro, outro

criminoso ficou famoso pela ousadia de suas ações e por enganar a polícia. Nascido em Goiânia, Leonardo Pareja invadiu o hotel Samburá, em Feira de Santana, e fez refém a sobrinha do então senador Antônio Carlos Magalhães. Depois da soltura da jovem conseguiu fugir usando lençóis brancos para evitar atiradores de elite. Foi capturado e morto no presídio de Goiás.

Em 2001, o jovem Lucas Terra foi assassinado e teve o corpo carbonizado, após ir para um culto da Igreja Universal. O bispo Silvio Galiza foi condenado a 18 anos de prisão. Um bispo e um pastor eram suspeitos de também participarem do crime, mas a acusação foi retirada pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

OS CASOS FAMOSOS

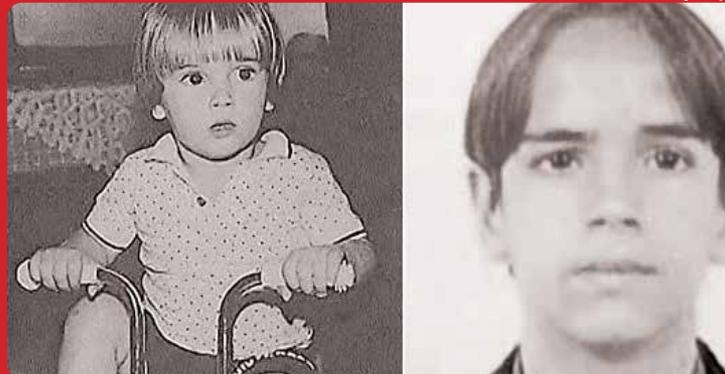


CRIME DA BALA DE OURO

A jovem Júlia Fetal, 20 anos, foi assassinada pelo noivo dentro de casa, na Avenida Sete. José Estanislau cumpriu 14 anos de prisão no Forte do Barbalho e recebeu indulto de Dom Pedro II, voltando a viver em liberdade

CHACINA DA GRAÇA

Marcelino Souto Maia tinha 19 anos quando assassinou quatro familiares. Foi julgado em 1975 no Fórum Ruy Barbosa (foto). Marcelino cumpriu pena até 1987, quando foi solto. Hoje ele trabalha como taxista em Salvador



LEONARDO PAREJA

O goiano sequestrou a sobrinha do então senador Antônio Carlos Magalhães. O hotel onde ficou hospedado, em Feira de Santana, se tornou ponto turístico na cidade. Pareja era tido como galã e foi morto em 1996

LUCAS TERRA

O jovem tinha 14 anos quando foi abusado sexualmente e morto. Um bispo da Igreja Universal foi preso e acusou dois outros de terem praticado o crime. O pai de Lucas Terra morreu sem ver a justiça ser feita





foto: moreira/metropress

**A grande
beleza
da Bahia
está nessa
reinvenção
da África**

ENTREVISTA

Laurentino Gomes

JORNALISTA E ESCRITOR

O jornalista e escritor Laurentino Gomes conversou com Mário Kertész sobre o lançamento do volume II do seu best-seller 'A Escravidão'. Nesta nova publicação, chamada de "Da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de Dom João", o autor aborda como o continente africano foi destruído com a descoberta de pedras preciosas no sudeste do Brasil. "A África foi distorcida pela busca de mão de obra especializada na busca pelo ouro", disse.

Laurentino falou ainda sobre como o século XVIII foi marcado por muitas revoluções no mundo branco (Inconfidência Mineira, Revolução Francesa, Revolução Industrial), mas os ideais não se estendiam aos negros e escravizados. "Esta é uma contradição curiosa nas revoluções brancas. Existia o desejo de igualdade, fraternidade e liberdade para os brancos. Mas não para os negros".

BAHIA REINVENTOU A ÁFRICA

Questionado por Kertész sobre as diferentes religiosidades dos povos africanos, Laurentino Gomes defendeu a importância da Bahia na constituição e reinvenção de uma nova África.

"Cada parte da África tinha uma prática religiosa diversa. Da alta Guiné até a África subsaariana. Na Bahia, duas etnias diferentes constituíram o candomblé. Os iorubás e Jeje-Mahi. Os orixás na Bahia, esse enorme panteão de orixás que cada terreiro tem, não acontece desta forma na África. Cada povo tem devoção a um orixá. Aqui houve esse encontro de vários povos e nasce uma nova África. A grande beleza da Bahia está nessa reinvenção da África", disse.

LEGADO DA ESCRAVIDÃO

O escritor ainda falou sobre os dois grandes legados da escravidão que ainda persistem no país: a desigualdade social e o racismo. E criticou a condução da Fundação Palmares no governo Bolsonaro, sob o comando de Sérgio Camargo. "De todas as coisas do governo Bolsonaro o que mais me compadece é ter um homem negro à frente da Fundação Palmares que reverbera as ideias da supremacia branca. É como se dissesse: 'Olha só o que vocês são no fundo. Não é só o branco que pensa desse jeito. Os negros também'. Isso é terrível", completou.

ENTREVISTA

Itamar Vieira Júnior

GEÓGRAFO E ESCRITOR



divulgacao

Depois do sucesso arrebatador de *Torto Arado*, seu livro de estreia, o baiano Itamar Vieira Júnior anuncia sua segunda publicação. Chega às livrarias (também com versão online) *Doramar* ou a *odisseia: Histórias*.

Em entrevista à **Rádio Metropole**, o escritor, também geógrafo e doutor em estudos étnicos e africanos, falou sobre a nova publicação. “É um livro de narrativas curtas. Algumas foram escritas antes de *Torto Arado* e outras depois. São contos que trazem personagens em diversos tempos e em diversos lugares. Desde uma personagem, Alma, uma mulher escravizada que deixa o cativeiro e vai para o sertão da Bahia, no século XIX. Até *Doramar*, que dá nome ao livro, e é uma empregada doméstica que conta sua história no percurso do trabalho até a casa”.

PERSONAGENS FEMININAS

Vieira Júnior falou também sobre a importância das personagens femininas neste novo livro, a exemplo do que já acontece em *Torto Arado*. “Eu costumo creditar esta curiosidade, esse foco nas personagens femininas, à minha história familiar. As mulheres da minha família talvez tenham ocupado esse lugar no meu imaginário como heroínas. Elas foram as primeiras feministas que conheci. Eu costumava dizer que os homens, no meu âmbito familiar, são sombras pálidas delas”.

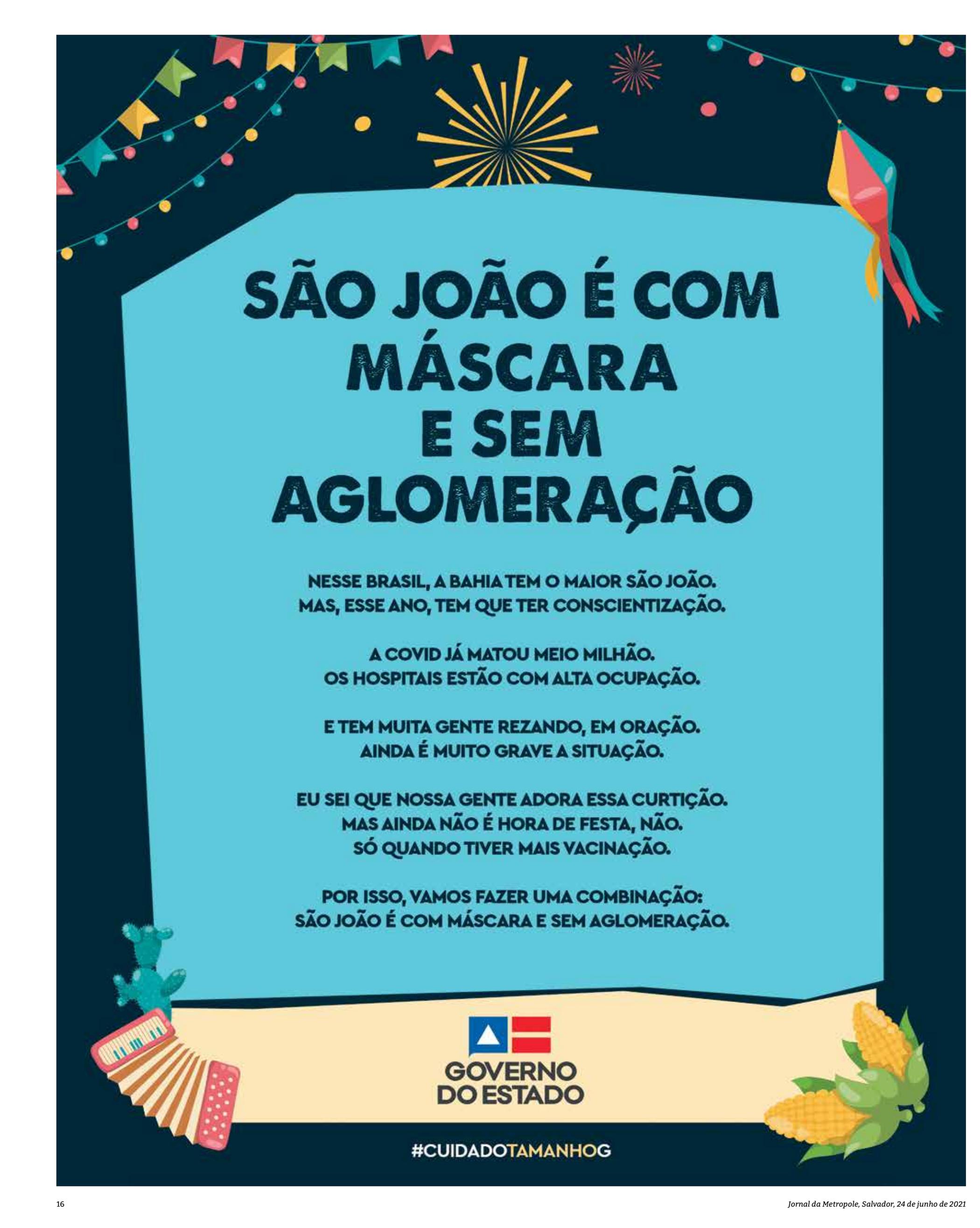
BRASIL DISTÓPICO

O escritor falou também das suas preocupações com o Brasil atual e como elas influenciam diretamente sua escrita. “Todo autor dá um testemunho do seu tempo, mesmo que ele trata do passado, ele tenta olhar o passado da sua perspectiva presente. Eu diria que o Brasil de hoje foi fundamental para eu escrever essas histórias. Enquanto eu escrevia *Torto Arado*, em 2017, eu soube de nove trabalhadores assassinados em disputa por território, por terra. Isso é algo chocante. É inevitável pensar o país”, diz. Na entrevista, Itamar comentou sobre o governo atual, pós-2018, ao qual chama de “um Brasil distópico”. “Esse país virou um caldeirão de surpresa e de absurdos. O Brasil é um casa que a gente não reconhece e se assombra”, diz.

ENTREVISTAS



METROPOLE



SÃO JOÃO É COM MÁSCARA E SEM AGLOMERAÇÃO

NESSE BRASIL, A BAHIA TEM O MAIOR SÃO JOÃO.
MAS, ESSE ANO, TEM QUE TER CONSCIENTIZAÇÃO.

A COVID JÁ MATOU MEIO MILHÃO.
OS HOSPITAIS ESTÃO COM ALTA OCUPAÇÃO.

E TEM MUITA GENTE REZANDO, EM ORAÇÃO.
AINDA É MUITO GRAVE A SITUAÇÃO.

EU SEI QUE NOSSA GENTE ADORA ESSA CURTIÇÃO.
MAS AINDA NÃO É HORA DE FESTA, NÃO.
SÓ QUANDO TIVER MAIS VACINAÇÃO.

POR ISSO, VAMOS FAZER UMA COMBINAÇÃO:
SÃO JOÃO É COM MÁSCARA E SEM AGLOMERAÇÃO.



GOVERNO
DO ESTADO

#CUIDADOTAMANHO